

## Sartre: o *nada* como ultrapassagem do *ser*

*Sartre: the nothing as overcoming of the being*

Maria Helena Lisboa da CUNHA  
Departamento de Filosofia do IFCH/UERJ

---

### Resumo

---

A filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre sustenta-se sobre três princípios básicos: O primeiro princípio postula a prioridade da *existência* sobre a *essência*. O segundo princípio diz respeito ao primado da *subjetividade*. E o terceiro, sobre a *liberdade* constitutiva do projeto humano. O presente texto tem a intenção de abordar estas questões-chaves para a compreensão do universo existencial, ético e político do homem contemporâneo.

**Palavras-chave:** subjetividade, nada, projeto, ser, liberdade.

---

### Abstract

---

*The existentialist philosophy of Jean-Paul Sartre support on three essential principles: initially it is based on the priority of the existence on the essence. Secondly, it is based on the primacy of subjectivity. And thirdly, on freedom constitutive of the human project. This paper intends to make available these key questions for understanding the existential, ethical and political universe of the contemporary man.*

**Keywords:** *subjectivity, nothing, project, being, freedom.*

*“O homem é antes de mais nada um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor” (SARTRE, 1962, p.183).*

Em outra ocasião<sup>1</sup> afirmamos que o pensamento nietzschiano “não busca a formulação de um sistema teórico, mas a experiência estética da vida. Assim como Nietzsche, “a dinamite” que

filosofava “a golpes de martelo” como ele mesmo afirmava, Sartre não é um pensador de regras e sistemas mas da consciência e do sujeito que constrói o significado e a sua liberdade: “a vida

---

<sup>(1)</sup> Cunha, M. H. L. *Nietzsche, Espírito-artístico*, p. 13.

não tem sentido *a priori*. Antes de viverdes, a vida não é nada; mas de vós depende dar-lhe um sentido, e o valor não é outra coisa senão esse sentido que escolherdes” (SARTRE, 1962, p. 231). Em Sartre, o homem ganha uma dimensão própria construindo a sua essência. É notório o mote que se instituiu como o marco do existencialismo do após guerra (Segunda Guerra Mundial, 1945) de que a “existência precede a essência”, vale dizer, “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define” (SARTRE, 1962, p. 182), “o homem não é mais que o que ele se faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo” (SARTRE, 1962, p. 182-3), inversão radical de toda a história da metafísica em que a “essência precede a existência” de Platão à Hegel, considerado o último pensador metafísico da História da Filosofia.

Na concepção do filósofo, a própria História é um movimento de totalização que tem o homem como agente totalizador, o homem consciente e livre: “o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e no entanto livre, porque uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (SARTRE, 1962, p. 194), por isso o filósofo ratifica:

O homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1962, p. 187).

Somos, portanto, um “ser em situação”, o que nos incita à responsabilidade do ato, da escolha, da decisão: “você é livre, escolha, quero dizer, invente. Nenhuma moral geral pode indicar-vos o que há a fazer; não há sinais no mundo” (SARTRE, 1962, p. 201), e mesmo que os houvesse, o existencialista “pensa que o homem decifra ele mesmo esse sinal como lhe aprouver.

Pensa portanto que o homem, sem qualquer apoio e sem qualquer auxílio, está condenado a cada instante a inventar o homem” (SARTRE, 1962, p. 194). A consciência sendo sempre “consciência de alguma coisa”, consciência intencional desde Brentano e o *conceito de intencionalidade* acrescido do legado de Husserl que assumiu como proposta a tarefa de restabelecer em segurança e com rigor o estatuto do saber, das relações do homem com o mundo e com a vida, está sempre *situada*, isto é, ela existe como um modo de ser, um gesto, um ato. Se eu não tenho uma medida para medir o valor dos meus sentimentos, como saber se eles são autênticos, se são um meio ou um fim? Sartre responde: “Se os valores são vagos, e sempre demasiado vagos para o caso preciso e concreto que consideramos, só nos resta guiarmo-nos pelo instinto” (SARTRE, 1962, p. 198). Só posso, pois, medir o valor de um afeto pela confirmação correlata ao ato, isto é, a menos que precisamente, “eu pratique um ato que o confirme e o defina” (SARTRE, 1962, p. 199). Sartre exemplifica:

Se sinto que amo o bastante a minha mãe para lhe sacrificar tudo o mais – o meu desejo de vingança, o meu desejo de ação, o meu desejo de aventuras – fico junto dela. Se, pelo contrário, sinto que o meu amor por minha mãe não é o bastante, então parto. Mas como determinar o valor de um sentimento? Que é que constituía o valor do sentimento para com a mãe? Precisamente o fato de ter ficado por causa dela (SARTRE, 1962, p. 198-9).

A consciência é no ato de ser pura transparência, um *nada* posto que devir, projeto que se faz e se refaz todo tempo, enquanto o que ela apreende na relação *noético-noemático* é o ser, posto que opaco em sua estaticidade de coisa fenomênica: “o homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo”, postula Sartre. Sartre situa o nada num “entre”, num abismo entre a consciência e o ser, logo o *nada* não é o contrário do ser mas o seu contraditório, daí o distanciamento do homem

como “para-si” em sua entificação do ser, o “em-si” do mundo, que os gregos vislumbraram como o abisso, ou os terrores da existência e para isso criaram a arte como um “véu de maia” que os salva de si mesmos e do medonho da realidade que os circunda. Afirma Nietzsche, em *A Origem da tragédia*, “somente enquanto fenômeno estético é que a existência e o mundo eternamente se justificam” (NIETZSCHE, 1977, apud Cunha, M. H., 2003, p. 13).

No pólo oposto, Sartre não constrói uma *estética da existência* ancorada no *trágico* como condição *sine qua non*, como é o caso para Nietzsche; sua preocupação é ética, “[...] devemos comparar a escolha moral com a construção duma obra de arte” (SARTRE, 1962, p. 221), não no sentido de uma moral estética estabelecida por regras *a priori*, um certo *cânon* estético como a regra de ouro na Grécia, mas no sentido de que a moral há de se fazer, fazendo, sem valores pré-estabelecidos, como se faz um quadro ou se escreve um texto, uma situação criadora: “O que há de comum entre a arte e a moral, é que, nos dois casos temos criação e invenção” (SARTRE, 1962, p. 223). Há uma obra póstuma reunida nos *Cahiers pour une morale*, editado pela Gallimard, onde o autor atravessa os conceitos de valor, liberdade, responsabilidade e compromisso, conceitos basilares do universo sartriano e de toda uma geração à qual faço parte e que a deixaram marcada para sempre como a “geração pós-existencialista” dos anos 50 e 60. Não me deixam mentir as filmografias existencialistas de Michelangelo Antonioni cujos filmes antológicos como *A Noite*, tendo como protagonista a legendária Jeanne Moreau, *O Grito*, *A Aventura com Mônica Vitti*; a de Luchino Visconti, com *Vagas estrelas da ursa maior* com Cláudia Cardinale e Marcelo Mastroiani e a de Federico Fellini, todo um caudal registrando o sem sentido do mundo aliado à angústia que geram as escolhas entre as múltiplas possibilidades que este nos apresenta e a facticidade da existência; o filme mais celebrado desse caudal foi *A Doce vida* (*La Dolce vita*) de Fellini tendo

como protagonista a esplendorosa e louríssima Anita Ekberg, de fartos seios.

No existencialismo de Sartre, a consciência ultrapassa a subjetividade entendida na concepção clássica como conteúdo da consciência, distanciando-se do seu objeto (só o animal vive colado às coisas, imerso no mundo não sendo, portanto, livre), o que a leva a projetar-se para além dele mesmo, ultrapassando-se em direção ao futuro, para se estilhaçar na angústia do compromisso: “o homem está constantemente fora de si mesmo, é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz existir o homem e, por outro lado, é perseguindo fins transcendentais que ele pode existir” (SARTRE, 1962, p. 233-4). Por outro lado, esse distanciamento como “náusea existencial”: “A náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo, mas deixei de sofrer com ela, não se trata já duma doença nem dum acesso passageiro: a náusea sou eu” (SARTRE, 1964, p. 216), desabafa Roquentin no romance homônimo, e “angústia existencial”, se compreendem pelas escolhas éticas e compromisso diante de um mundo que eu não escolhi mas ao qual estou para sempre atrelado: o homem encontra-se jogado e abandonado num mundo sem desculpas, “Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas” (SARTRE, 1962, p. 193), esquecido de Deus e de qualquer suporte externo que justifique a sua existência. Os suportes têm que ser encontrados na construção da subjetividade, o que se dá num campo experiencial e vivencial onde me encontro junto com todos os outros “para-si”; escolhendo-me “escolho”, também, a humanidade: “Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens” (SARTRE, 1962, p. 184-5). E acrescenta Sartre, “Escolher ser isto ou aquilo, é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos

escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos” (SARTRE, 1962, p. 185).

Sartre concebe o homem como liberdade em seu próprio ser, vale dizer, a liberdade o constitui como “para-si”, isto é, como consciência que sendo sempre “consciência de alguma coisa” não tem conteúdo, é vazia, por isso o fundamento da liberdade é o *nada*, direcionado para o “em-si” do mundo, eximindo-se de todo e qualquer determinismo. Sartre é radical, ele trabalha com a hipótese de um determinismo absoluto ou da liberdade absoluta, não há meio termo possível: ou a plenitude do “em-si ou o nada no coração do “para-si”. Por este motivo, a consciência precisa estar sempre se refazendo, arrancando-se do seu passado e projetando-se num futuro para não se estratificar no “em-si” das coisas. Esse direcionamento para um ser que é outro que não ela mesma, faz com que ela se coloque na posição de jamais coincidir com ele. Não há como se negar àquilo que somos estruturalmente: o homem é consciência, tem uma subjetividade e é responsável por ela.

No pensamento de Sartre o conceito de ser bifurca-se: ele pode ser “em-si”, entificado na sua completude e opacidade de coisa e então ele “é o que é”, à maneira do ser de Parmênides: “Necessário é o dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser, e nada não é; isto eu te mando considerar” (PARMÊNIDES de Eléia, 1973, frag. 6, Simplício, *Física*, 117, 2, p. 148), o que equivale a dizer que ele é idêntico a si mesmo, sua identidade é a de ser, sendo também indeterminado, sua determinação se dá quando relacionado com a consciência e na condição de fenômeno. O “para-si” ou consciência, é pura relação com o “em-si” do mundo, não existindo fora dessa relação logo, o para-si é o fundamento da negatividade e de qualquer relação: é a própria relação (SARTRE, 1953, p. 429). O nada só pode existir a partir de um ser que tenha o nada dentro de si, ele não pode proceder do « em-si » pois este sendo pleno é estático, não é capaz de se reinventar. Daí que o

“para-si” não tem identidade, sendo puro devir posto que projeto, projétil.

Existindo como liberdade, o homem é o fundamento dos valores, na gratuidade do seu ato, não se justificando, portanto, que adote este ou aquele valor, mas experimentando, ao contrário, a angustia da decisão: “só há realidade na ação; [...] o homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é portanto nada mais do que o conjunto dos seus atos, nada mais do que a sua vida” (SARTRE, 1962, p. 207), o que não significa que ele não possa existir na inautenticidade, como é o caso do conceito sartreano da *má-fé*: “Um homem embrenha-se na sua vida, desenha o seu retrato, e para lá desse retrato não há nada” (SARTRE, 1953, p. 208), [...] “Mas por outro lado, ele dispõe as pessoas à compreensão de que só conta a realidade, que os sonhos, as expectativas, as esperanças apenas permitem definir um homem como sonho malogrado, como esperança abortada, como expectativa inútil” (SARTRE, 1953, p. 208-9). No cômputo geral, “O que diz o existencialista é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói; há sempre uma possibilidade para o covarde de já não ser covarde, como para o herói de deixar de o ser. O que conta é o compromisso total” (SARTRE, 1953, p. 211-2).

O conceito sartriano da *má-fé* é controverso e leva a interpretações errôneas: “Se o homem é o que é, a má-fé será definitivamente impossível, e a franqueza deixará de ser seu ideal para tornar-se seu ser. Mas, o homem é o que é? » (SARTRE, 1953, p. 98). Sartre questiona até que ponto se pode conhecer o homem, sendo essa questão a pedra de toque da sua análise, vale dizer, “a condição de possibilidade da má-fé repousa no fato de que a realidade humana procura ser o que ela não é, e não seja o que é” (BORNHEIM, 1971, p. 50). O exemplo clássico dado por Sartre em *O Ser e o nada* é o do garçom do café:

Consideremos este garçom de café. Seus gestos são vivos e apoiados, quase demasiado precisos, quase demasiado rápidos, dirige-se aos consumidores. [...] Todo o seu comportamento nos parece um jogo. [...] Ele representa, diverte-se. Mas representa o que? [...] Representa ser garçom de café. [...] Sua condição é toda feita de cerimônia, os clientes exigem que a realize como cerimônia; existe a dança do dono da mercearia, do alfaiate, do leiloeiro, pela qual se empenham em persuadir seus clientes de que não passam de dono de mercearia, leiloeiro, alfaiate (SARTRE, 1953, p. 98-9).

Esses pressupostos apontam para uma impossibilidade de o homem coincidir consigo mesmo negando-se, pela própria estrutura ontológica do “para-si” pois, sendo devir, não pode coincidir com o “em-si” das coisas evadindo-se de si próprio, o que o faz representar sempre um papel na sociedade, personificar-se, isto é ser uma *persona*, desde que entendamos a etimologia do termo no contexto grego (*persona* = máscara dos atores da tragédia). Desse modo, o homem não está somente “condenado a ser livre”, esta liberdade o condena também a ser ator e o fundamento desse comportamento é o fato de o homem não poder existir ao modo como as coisas existem, por isso a “má-fé” consiste em fugir do que se é e embora o homem tenda ao ser, ele não é como deve ser: “Vemos quantas precauções são necessárias para aprisionar o homem no que é, como se vivêssemos no eterno temor de que escape, extravase e eluda sua condição” (SARTRE, 1953, p. 99). Porém, façamos a ressalva, representar significa exatamente não coincidir com a função que represento posto que não a sou quer dizer, eu não posso ser a máscara, colá-la ao meu

corpo de modo que eu dela não me diferencie, “o garçom de café não pode ser imediatamente garçom de café, no sentido em que o tinteiro é tinteiro e o copo é copo” (SARTRE, 1953, p. 99). E Sartre conclui: “Não posso dizer que sou eu quem está aqui nem que não o sou, no sentido em que se diz que “o que está em cima da mesa é uma caixa de fósforos”: seria confundir meu “ser-nomundo” com “ser-no-meio-do-mundo”. [...] Por toda parte, escapo ao ser - e, não obstante, sou” (SARTRE, 1953, p. 100). A esse respeito, lembremos o grande poeta português Fernando Pessoa, (1965, [456], “Tabacaria”, p. 365), o poeta das sensações metafísicas:

Fiz de mim o que não soube,  
E o que podia fazer de mim não o fiz.  
O dominó que vesti estava errado.  
Conheceram-me logo por quem não era  
e não desmenti, e perdi-me.  
Quando quis tirar a máscara,  
Estava pegada à cara.  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
Já tinha envelhecido.  
Estava bêbado, já não sabia vestir o  
dominó que não tinha tirado.  
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário  
Como um cão tolerado pela gerência  
Por ser inofensivo  
E vou escrever esta história para provar  
que sou sublime.

Sartre aponta o romance como o lugar privilegiado da subjetividade, universo fechado de um herói “problemático” no entender de Lukács, fato este que o faz utilizá-lo como meio de divulgação de sua obra mais densa, conceitual, tal como *O Ser e o nada, A Transcendência do eu e Crítica da razão dialética*. Sartre não pode renunciar a este privilégio a não ser renunciando também aos *Caminhos da liberdade*<sup>2</sup>, à *Náusea*,

<sup>(2)</sup> Os *Caminhos da liberdade* é uma obra composta por três livros: *A Idade da razão, Sursis e Com a morte na alma*, onde Sartre discute e divulga para o leigo, as teses basilares do existencialismo tais como o problema da liberdade, da responsabilidade, da relação com outrem, da facticidade da existência.

ao *Muro*, uma vez que seus heróis são sempre “engajados”, sua literatura é ação política expondo um homem “em situação”. No passado o homem tinha as respostas: a religião, a família, o rei, o Estado, o pai; no presente, o homem não tem mais respostas, então ele tem que reinventar tudo no contexto da “angústia existencial”, como é o caso da interrogação camusiana (CAMUS, 1964, p. 95): “Onde está o absurdo do mundo? Será esse esplendor ou a lembrança de sua ausência? Com tanto sol na memória, como pude apostar no absurdo?” O herói sartriano, sempre “problemático”, avança não por conquistas progressivas, mas por contestações cada vez mais radicais. De Mme. Bovary a Raskolnikof, protagonista do romance *Crime e castigo* de Dostoiévsky, obra precursora do existencialismo por suas conceituações correlatas, de Raskolnikof a Roquentin de *A Náusea*, “Flaubert contesta o personagem vivenciado por Mme. Bovary. Raskolnikof contesta o valor de seus próprios atos, e o que Raskolnikof aprende finalmente, é que a sua questão não receberá resposta” (LECLERC, A., 1966, p. 71). Em *A Náusea*, a contestação de Roquentin diz respeito aos objetos tematizados por sua consciência; Em *A Idade da razão*, Mathieu contestará o fundo da própria consciência, à qual se relacionam os objetos do mundo. De uma maneira ou de outra, a náusea de Roquentin está lá desde o início. Trata-se de descobrir o que esconde a náusea:

O absurdo não era uma idéia na minha cabeça, nem um sopro da voz, mas aquela longa serpente morta a meus pés, aquela serpente de madeira. Serpente ou unha de carnívoro ou raiz ou garra de abutre, pouco importa. E sem formular claramente nenhum pensamento, eu compreendia que tinha encontrado a chave da Existência, a chave das minhas náuseas, da minha própria vida” (SARTRE, 1964, p. 220).

Enquanto Roquentin, desde o início, se encontra afastado do mundo: “Todo o existente

nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por encontro imprevisto”, em contrapartida, “a existência é uma plenitude que o homem não pode abandonar” (SARTRE, 1964, p. 228), o universo de Mathieu é o próprio mundo – a distância entre ele e o mundo cresce progressivamente até separá-lo definitivamente de tudo e de todos, libertando-o de todas as crenças, do peso das tradições, das obrigações sociais e até dos valores estéticos: “Ele é livre”, quer dizer, ele estava absolutamente desengajado, puro, não era mais nada, no entanto questiona, “Será isso a liberdade? Ele agiu, agora não pode mais voltar atrás; deve parecer-lhe estranho sentir atrás de si um ato desconhecido, que ele já quase não compreende e que vai transformar-lhe a vida. [...]” Não sei o que não daria para cometer um ato irremediável” (SARTRE, 1961, p. 301). Afirma, enfim, o protagonista, “a liberdade é o terror”, visto que assunção responsável de todos os atos, mesmo os mais banais, os mais mentirosos ou os mais absurdos, desde que não há nada por trás das aparências a não ser o fato de a existência ser absurda, sem sentido, demais: “Fico só. Só, porém não mais livre do que antes”. [...] Ninguém entrou a minha liberdade, foi a minha vida que a bebeu. [...] uma vida malograda” (SARTRE, 1961, p. 302).

## Bibliografia

- BORNHEIM, G. A. *Sartre. Metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- CAMUS, A. *Bodas em Tipasa*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964. Tradução de *Noces e L'Été*.
- CAPALBO, C. *Fenomenologia e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Ed. Ltda, 1987.
- CUNHA, M. H. L. *Nietzsche – Espírito artístico*. Londrina: Edições CEFIL, 2003.
- FINK, E. *De La phénoménologie*. Paris: Minuit, 1974.

GÓIS E SILVA, C. *Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre*. Londrina: UEL, 1997.

LECLERC, A. "De Roquentin a Mathieu". In *L'ARC*, Jean-Paul Sartre, n° 30, Paris, 1966.

PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Ed., 1965.

SARTRE, J. P. *L'Être et le néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1953.

\_\_\_\_\_. *O Existencialismo é um humanismo*. Trad. prefácio e notas de Vergílio Ferreira. Porto: Edit. Presença, 1962. Tradução de *L'Existencialisme est un humanisme*

\_\_\_\_\_. *A Náusea*. Trad. António Coimbra Martins. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.

\_\_\_\_\_. *Os Caminhos da liberdade. A Idade da razão*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

\_\_\_\_\_. *Os Caminhos da liberdade. Sursis*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

\_\_\_\_\_. *Os Caminhos da liberdade. Com a morte na alma*. Trad. Sérgio Milliet, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

\_\_\_\_\_. *O Muro*. Trad. H. Alcântara Silveira. Rio de Janeiro: Edit. Civilização Brasileira, 1963.

TROTIGNON, P. "Le Dernier métaphysicien". In *L'ARC*, Jean-Paul Sartre, n° 30, Paris, 1966.

